



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

NOVAS AVENTURAS DE PIM, PAM E PUM



1—Pim, Pam e Pum reúnem-se em Assembleia para resolverem o que devem fazer depois, de reconhecerem que são uns grandes mandriões.



2—Pim propõe a travessia do Atlântico para e que apresenta um invento de aeroplano sem motor e que se compõe dum lençol, do cesto da roupa suja e do leque da Mamã.



3—Depois de aprovada a ideia, dedicam-se à construção do aparelh, oafanosamente.



4—E num lindo dia, com sol de rachar, resolvem descolar. Pim era o mecânico, Pam o observador e Pum o timoneiro.

Continua na pág. 8

PERSPICÁCIA

Por MARIA AMELIA DE MIRANDA RODRIGUES

Desenho de ADOLFO CASTAÑÉ



OM os primeiros calores, o Afonsinho viera para a quinta com a Mãe e a Luizinha. E era uma vida boa, essa, que ele levava agora.

A professora só lá ia uma vez por semana e os outros seis dias passava-os a brincar, a brincar. Às vezes imaginava cortejos, em que ele ia á frente e a irmã atrás. No meio, parece que compenetrados do seu papel, caminhavam os sete cães da quinta.

A's vacas e aos bois da lavoura, só as queria ver de longe, num grande receio de ser varado pelos chifres ponteados. E toda a sua ternura ia para os pintainhos, que lhe faziam lembrar, tal qual, os «ponpons» daromeira de lá, cõr de ouro, da Licinha.

—Mãe! porque é que os filhos do caseiro andam descalços?

—Porque já estão acostumados.

—E nasceram assim, já?

—Sim.

—E eu nasci calçado, não é verdade?

—E'.

—E não podia aprender o costume de andar descalço?

—Não. Pois se tu nasceste calçado!

Pareceu aquilo tão extraordinário ao Afonsinho, que prometeu, a si mesmo, tentar a experiência.

Um dia, apareceu á Mãe, com os pés cheios de arranhões e de pó. Pendurados num caniço, as meias e os sapatos.

—Afonsinho, o que foi isso?

—Olha, Mãe! Como eu nasci calçado, julguei que os sapatos corresse para os meus pés, quando eu os descalçasse, mas, afinal, eles ficaram, tão quietinhos, ao pé da casa do cão que, para os trazer, nem tu sabes o que me custou!

E tanto o Afonsinho como a Mãe riram a bandeiras despregadas.

F I M





O cão abandonado

Por MARIA AMÉLIA DE MIRANDA RODRIGUES

Desenho de ADOLFO CASTANÉ



TODAS as manhãs, lá estava o miserável, agachado, no largo tapete, da escada do colégio.

E como era uma dolorosa criatura sem dono, suja, de orelhas pendentes e cauda tristemente escondida entre as pernas, todos o maltratavam e ele

recebia as pancadas, sem um assomo de revolta.

As crianças eram os seus piores inimigos; mas o pobre continuava a pernoitar ali, porque era o leito mais agradável que encontrara e cá fóra fazia muito frio. Bem podia levantar-se e fugir mais cedo, mas como não comia, sentia o corpo tão fraco, que, preso de um grande torpor, só vinha ao sentimento da realidade, quando lhe davam o primeiro pontapé.

Até ali, Luizinha tinha sido indiferente,

Se não ajudava também, era por não conseguir vencer a repugnância que lhe causava aquele corpo nojento. Uma vez, porém, viu dois belos olhos dourados e tímidos, que a fitaram, viu um dorso magro, que se curvou, á espera de pancada e sentiu-se invadida por uma piedade enorme.

Acariciou a cabeça pelada, grande demais para o corpo escanzelado e, desde então, defendeu-o dos condiscípulos, começou a dar-lhe metade do seu «lunch».

Os outros troçavam-na, e chamavam-lhe idiota, piégas, mas Luizinha continuava, inalterável, na sua ternura pelo triste abandonado.

Um dia, quando ia a entrar no colégio, viu o cão a contorcer-se na rua. Uma espuma viscosa cobria-lhe o focinho.

Correu a joelhar-se e ia dar-lhe um beijo, quando a professora, que entrava também, disse repreensiva:

—Que vai fazer, Luiza?

—Ah! minha senhora. Era eu a sua única amiga. Ele está, aqui, a morrer sózinho! E poz se a chorar, convulsivamente.

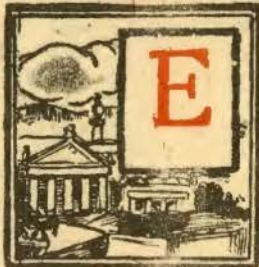
FIM

O AVÔ E O NETO

Do livro: — «LECTURES FRANÇAISES»

Tradução de QUINTINO LUIS MADEIRA RAMOS

Desenho de ADOLFO CASTAÑE



RA uma vez um velho, trémulas mãos segurar a caçarola e esta cair e partir-se.

tão velhinho que já dificilmente podia andar; os seus joelhos tremiam, não via quási nada e era absolutamente desdentado. De modo que, quando estava à mēsa, não podendo segurar a colher, uma parte da sopa caía sôbre a toalha e outra corria ao longo da sua bôca.

Seu filho e nora acabaram por se desgostar em presença de um tal espectáculo. Por esta razão decidiram que o velho avô passasse a comer por detraz do fogão, a um canto. Preparavam-lhe a comida numa caçarola de barro e não lhe davam o suficiente. Então, o pobre velhinho levantava com ar aflitivo os olhos para a mēsa a que se sentavam seus filhos e grossas lágrimas corriam ao longo das suas enrugadinhas faces.

Ora sucedeu um dia não poderem as suas

Então, a nora ralhou-lhe severamente, sem que êle nada dissesse, limitando-se, apenas, a gemer e a suspirar. Compraram-lhe, por algumas moedas de cobre, uma pequena escudela de madeira, onde foi obrigado a comer.

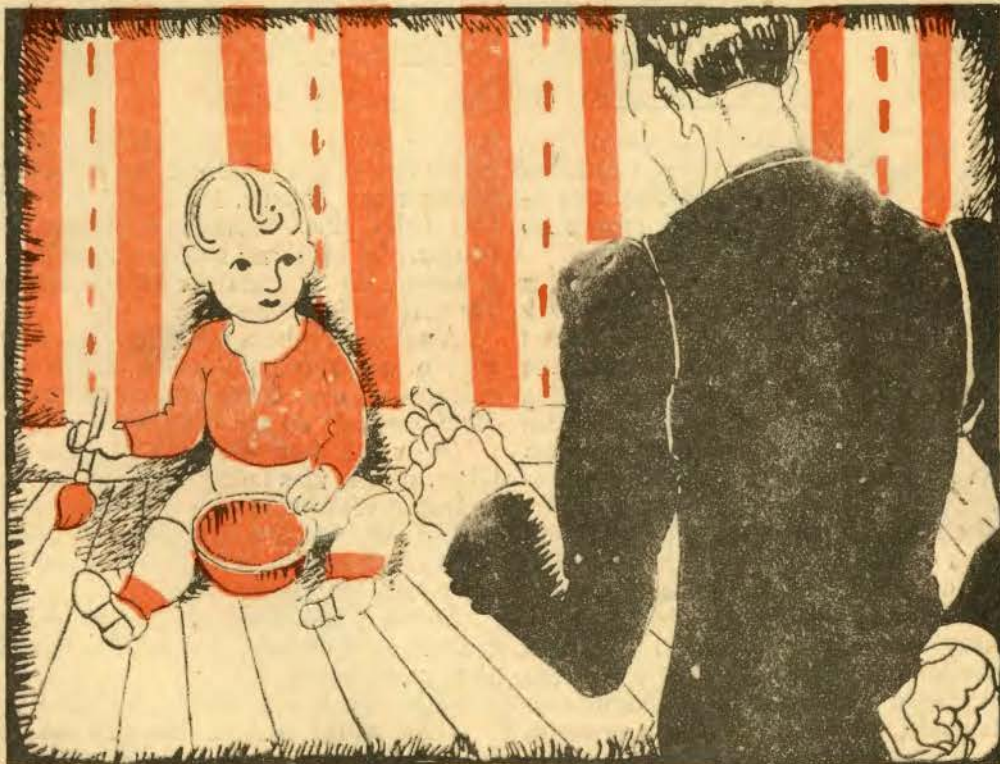
Durante muito tempo, o nêtinho de quatro anos de idade, assentado no chão, brincava, entretendo-se a juntar alguns pequenos fragmentos de madeira.

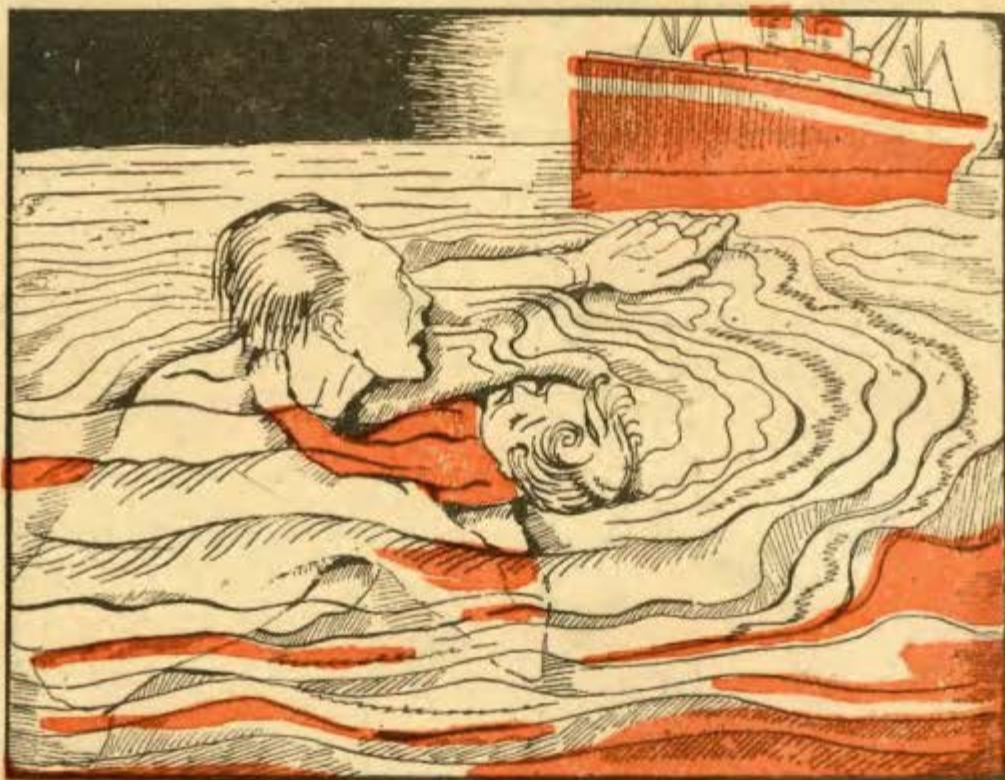
— «O que fazes aí?!» perguntou o pai.

— «Ora essa — (replicou a criança) — então não vê?! Faço uma pequena escudela para, quando eu fôr crescido e o papá e a mamã forem velhos, comerem nela!»

Ouvindo tais palavras o marido e a mulher ficaram-se olhando, num prolongado silêncio. Depois, começando a chorar, admitiram de novo o velho avô à mēsa, fizeram-no comer em sua companhia e nunca mais o reprenderam, nem mesmo quando êle entornava a sôpa na toalha.

FIM





Dedicação de um filho por seu Pai

Tradução do francês por Q. L. MADEIRA RAMOS

Desenho de ADOLFO CASTAÑÉ



DURANTE uma travessia de *Port-au-Prince*, na França, certa menina, que se encontrava, num navio comandado por Volney Bekner, saiu das câmaras reservadas aos viajantes e, muito alegre, veio para a ponte, onde se pôs a brincar com a espuma das vagas que se quebravam contra os flancos do navio, ressaltando sobre ela. Esta brincadeira prende-a; aproxima-se mais da borda. Súbito, um solavanco do barco, fá-la perder o equilíbrio e lança-a ao mar, fazendo-a soltar um grito estridente.

Entretanto, a menina imerge e desaparece! Felizmente que um marinheiro a havia visto cair: — era o pai de Volney Bekner. Lançou-se logo ao mar e mergulhou. Quando reapareceu ao lume da água, não vinha só;

segurava com a mão esquerda a menina imprudente, ao mesmo tempo que, apoiando-a contra o seu peito, nadava com a mão direita. Mas já o navio, com as velas entunadas pelo vento, se afastava e já uma distância considerável o separava do nadador.

Contudo o pai de Volney Bekner tem braços musculosos e aproxima-se com rapidez.

Súbitamente, porém, distingue-se, a alguma distância d'este, uma massa negra que, vertiginosamente, avança para ele.

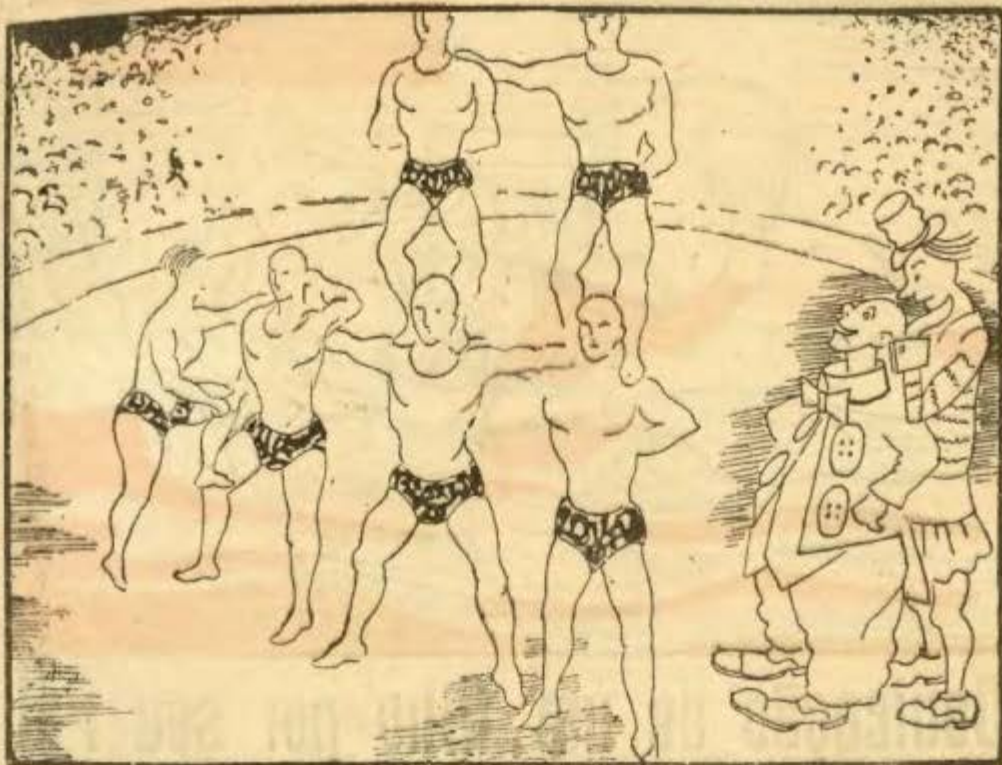
Do peito do pobre homem se eleva um grito de horror que domina o próprio ruído do mar: — «Um tubarão!... Socorro!...» Era, com efeito, um destes monstruosos animais frequentes nestas parágens.

O tubarão ia direito ao homem que, sobrecarregado com a criança e apertando-a ainda contra o peito, empregava, inutilmente, esforços sobre-humanos para se salvar; a ele e à pequenina.

Pairava a bordo uma agitação febril, inex-

(Continua na página 7)

COLISEU



Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenho de ADOLFO CASTANÉ

Coliseu dos Recreios...

Coliseu português,
com cadeiras, geral e camarotes cheios
de avós, papás e «misses» com bebés.

Espaçoso, amplo átrio, circundado
por vivazes
cartazes
scintilantes de côr:
verde, azul amarelo... que sei eu!...
Lance monumental de escadaria, ao fundo,
dando acesso a um enorme corredôr
abobadado.

Coliseu dos Recreios, Coliseu
dos maiores do mundo!

Enorme, vasta sala de espectáculos,
em cuja arena,
saltando mil obstáculos,
uma acrobata morena,
de «maillot» côr de rosa,
sôbre fogosa
hiena
domesticada,
grita,
pula, saltita
desembaraçada:

— «Allôh... Allôh... Allôh... Allôh!...»
entre palmas e risos infantís.

Um petiz,
que gostou,
ao avô diz:
— «Avô,
peça mais bis, mais bis!...»

E repete-se a scêna
da acrobata morena,
de «maillot»
côr de rosa,
sobre a fogosa
hiena.

Vem agora um Faz-tudo
que, afinal,
pouco faz;
sobre a cabeça traz
um chapéu amolgado,
sobre o colo desnudo,
decotado,
colarinho engomado,
deixando ver o peito cabeludo;
as calças bambas,
ambas

(Continua na página 7)

Dedicação de um filho por seu pai

(Continuação da página 5)

primível. Tôda a equipágem contemplava, do alto da ponte, as espantosas peripécias da luta. Procuram-se espingardas, disparam-nas contra o tubarão; porém, as balas ricochecam à superfície das águas, sem o ferirem, sem mesmo deterem a sua marcha.

Diminui, de instante a instante, a distância que separa o monstro do homem.

Todavia, precisamente no momento em que êle está prestes a devorar o homem e a criança, o tubarão pára súbitamente e vê-se, à sua roda, o mar tingir-se de vermelho. Uma invisível mão tinha ferido o animal.

— «É Volney Bekner?!...» exclamam do alto do navio.

Era, com efeito, o jovem Volney Bekner que, com uma comprida espada na mão, se havia precipitado ao mar sem que ninguém o notasse e sacrificando, de ante-mão, a sua vida para salvar a de seu pai. Tinha mergulhado na água e, deslizando por baixo do tubarão, havia cravado a sua arma nos flancos do horrível monstro.

F I M

COLISEU

(Continuação da página 6)

as mãos caídas,
e as ilhargas descidas,
como um pinto-calçado,
tal e qual, tal e qual
um mascarado
de Entrudo.

Outro palhaço, entanto,
com seu trajo a luzir,
cheio de lantejoulas,
surge, agora, a outro canto,
fazendo, com mil graçolas,
esgares e cabriolas,
as criancinhas rir.

E outro bebé,
feliz,
às palmas, entusiasmado,
diz
aos do lado:

— «Zé
Chico, Juca, Mané,
peçam mais bis, mais bis!...»

F I M

CORRESPONDÊNCIA

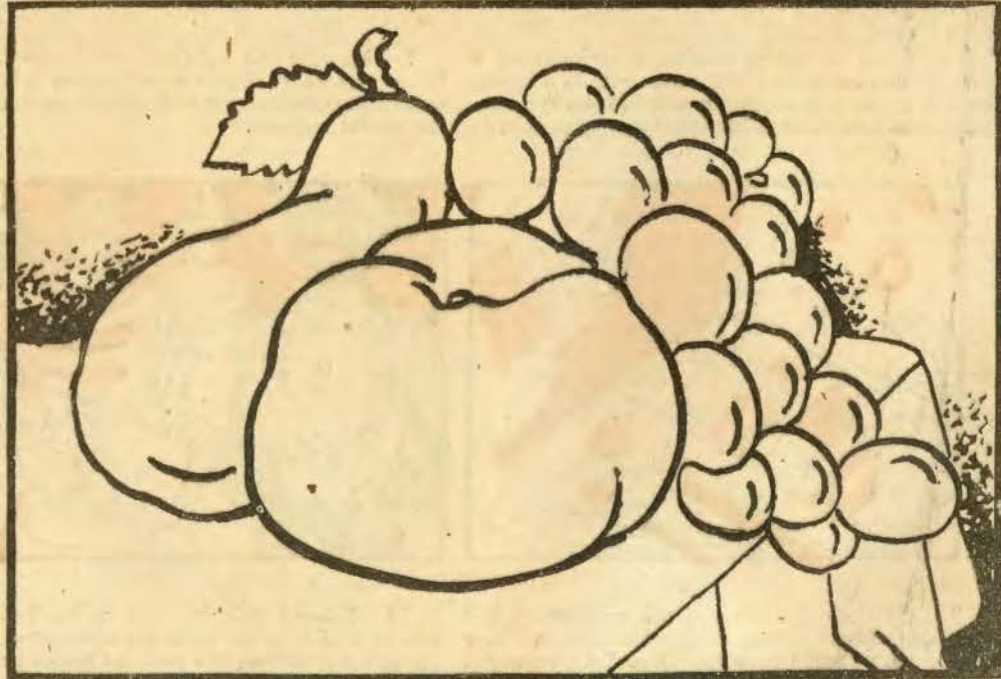
BÉBÉ CARUNCHOSO — Lamentamos sinceramente não nos ser possível publicar os versos que enviou, por não serem de índole infantil.

MIMI GRANDELA — O seu conto será, como os anteriores, devidamente ilustrado e publicado oportunamente.

JAIME C. SAMPAIO DE ANDRADE — Só à vista dos contos a que se refere, nos poderemos pronunciar. Se forem publicáveis, teremos muito prazer em o incluir no número dos nossos assíduos colaboradores.

Tio-Paulo

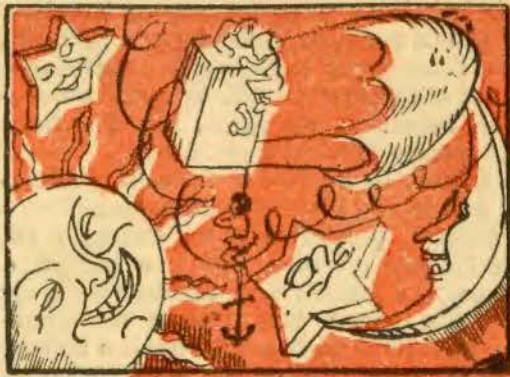
PARA
OS
MENINOS
COLORIREM



(Continuação da página 1)



5—Pim explica que o seu invento permite que o aparelho fique quieto no ar, podendo assim esperar que o Atlântico passe por baixo deles, aproveitando a rotação da terra.



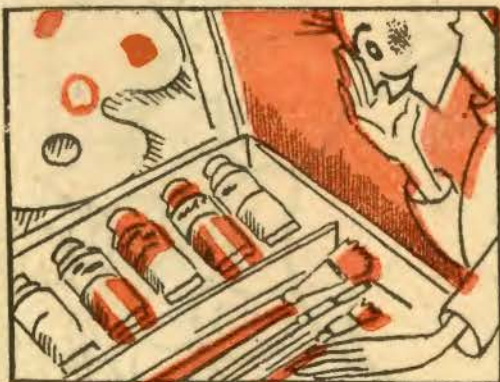
6—Nisto desencadeia-se um forte tufão e os nossos amigos são levados violentamente para regiões longínquas, com grande paródia do sol da lua e das estrelas.



7—Depois de muitos tombos e reviravoltas, o vento parou, e, como o Pim tinha perdido o motor, isto é, o leque, com o qual ele mantinha no ar o aeroplano, este veio cair em terra desamparadamente.



8—Era uma ilha habitada por antropófagos. Infelizes aviadores! Depois de os fazerem prisioneiros, os selvagens dançam em volta deles e resolvem papá-los no dia seguinte.



9—A aflição dos nossos heróis era enorme. Mas Pim, que sempre gostou de bisbilhotices, vê uma grande caixa atirada para um canto. Era a caixa das tintas dum célebre pintor morto pelos habitantes da ilha.



10—E tem a mais feliz das ideias. Vestir os negros antropófagos, pintando nos seus corpos trajos bizarros, e o resultado não pode ser mais agradável. O chefe da tribo enche-os de presentes e indulta-os, desejando-lhes muitos anos de vida.